

## O AMOR ALADO

PLATÃO. *Fedro*, 243 e – 257 b

**SÓCRATES:** Eis na verdade, bela criança, o que debes pôr em mente, que o precedente discurso era de Fedro, o filho de Pítocles, do demo de Mirrinonte; [244] mas o que vou dizer é de Estesícoro, o filho de Eufêmio, natural de Himera. E eis como deve ele discorrer, que “não é verídico um discurso” que, admitida a presença de um amante, afirme que mais se deve aquiescer ao não amante, e isso porque o primeiro delira, enquanto o segundo está em seu bom senso. Se com efeito fosse simples assim, que delírio é um mal, bem falado seria; na realidade, porém, os maiores bens nos advêm por delírio, quando todavia por divino dom concedido. Pois sem dúvida a profetisa em Delfos, [b] as sacerdotisas em Dodona, quando em delírio, muitos e belos benefícios privados e públicos fizeram à Hélade, mas quando em seu bom senso, pouco ou nada fizeram; e se fôssemos então mencionar a Sibila e quantos outros que, usando uma arte divinatória de inspiração divina e muitas predições a muita gente fazendo, acertaram o caminho do futuro, nós nos alongaríamos dizendo o que é evidente a todo mundo. Eis na verdade o que merece que se ateste, que justamente entre os antigos, os que instituía[m] nomes não julgavam coisa feia nem opróbrio o delírio, *manía*; [c] pois de outro modo não teriam, enlaçando este mesmo nome à mais bela arte, a que permite discernir o futuro, chamando esta *maniké*, arte delirante. Ao contrário, foi como se fosse uma bela coisa, quando por divino dom ocorresse, que assim consideraram e puseram um nome, enquanto os modernos, inexperientes de belo, inseriram o *-t-* e chamaram *mantiké*, arte divinatória. Pois justamente a arte dos que estão em seu juízo, e que fazem pesquisa do futuro através de aves e de outros sinais, porque a partir do raciocínio conseguem para a humana opinião [oíesis] racionalidade [noús] e informação [historía], os antigos a denominaram *oionoistiké*, [d] a que agora os modernos chamam *oionostiké*, arte augural, dando-lhe imponência com o *-o-* longo. Por conseguinte, quanto mais perfeita e mais digna é a arte divinatória em face da augural, o nome e a função de uma em face do nome e da função da outra, tanto mais belo é, atestam os antigos, o delírio em face da prudência vindo aquele de um deus e esta dos homens. Mas também quanto a doenças e provações, as mais graves, as que em consequência de antigos ressentimentos, de alguma parte providas se instalam em certas famílias, o delírio, uma vez produzido em revelação profética, encontrou um meio de afastá-las de quem era preciso, [e] com o recurso de preces aos deuses, de serviços em sua honra; daí é que, atingindo o grau de purificações e de iniciações, ele pôs ao

abrigo, para o presente e futuro, o que dele participava, por ter achado, para o que corretamente delirasse e estivesse possuído, uma solução aos males presentes. [245] Um terceiro tipo de possessão e delírio, o das Musas, depois de empolgar uma alma tenra e inviolada, despertando-a e transportando-a em cantos e nas demais produções poéticas, milhares de feitos dos antigos ordenando, os que sobrevêm educa; enquanto aquele que, sem delírio das Musas, chega à porta da poesia convicto de que pela técnica será poeta perfeito, é um malogrado ele próprio e sua poesia de quem está em são juízo é pela dos que deliram eclipsada.

[b] Tal é na verdade e ainda muito maior se o delírio vem dos deuses, a quantidade de belas obras que te posso mencionar. E assim eis o que em si mesmo não devemos temer, nem nos perturbe um discurso a nos espantar com a idéia de que ao apaixonado se deve proferir como amigo o que está em são juízo; ao contrário, só depois de ter além disso demonstrado o seguinte, levo o troféu: que não é a proveito do amante e do amado que o amor é pelos deuses enviado. [c] Quanto a nós, haveremos por nosso lado de demonstrar o contrário, que é para suprema felicidade de ambos que pelos deuses lhes é concedido tal delírio; e certo a demonstração será entre os hábeis desacreditada, mas entre sábios acreditada. Deve-se então primeiro, sobre a natureza da alma, divina e humana, ver suas afecções e ações para a verdade perceber; e o princípio da demonstração é o seguinte:

Toda alma é imortal. Com efeito, o que a si mesmo se move é imortal; mas o que move outra coisa e por outra é movido, tendo cessação de movimento, tem cessação de vida. Só portanto o que a si próprio se move, por não se deixar a si próprio, nunca cessa de se mover, mas ainda para tudo mais que se move é fonte e princípio de movimento. Ora, princípio é algo não engendrado; [d] pois é de um princípio que necessariamente se engendra tudo que é engendrado, enquanto ele próprio de nada se engendra; pois se de algo se engendrasse um princípio, não de um princípio haveria engendramento. E desde que é algo não engendrado, também indestrutível ele é, necessariamente. Com efeito, uma vez extinto um princípio, nem ele próprio jamais engendrará de algo nem outra coisa dele, se é certo que de um princípio tudo deve engendrar-se. Assim então é princípio de movimento o que a si mesmo se move; e isto nem é possível que extinga nem que se engendre, senão todo o céu e toda a terra parariam [e] e jamais teriam de novo de onde, movidos, se engendassem. Ora, evidenciada a imortalidade do que a si mesmo se move, quem disser que a essência, que a noção de alma é isso mesmo, não se envergonhará. Pois todo corpo a que é

extrínseco o mover-se é inanimado, e aquele a que é intrínseco, de si para si, é animado, pois que essa é a natureza da alma; e se isto é assim que se passa, se outra coisa não é o que a si mesmo se move senão a alma, [246] necessariamente a alma seria algo não engendrado e imortal.

Sobre sua imortalidade então é o bastante; mas sobre sua idéia é assim que se deve dizer: como ela é, eis o que em tudo e por tudo é próprio de uma divina e longa exposição; mas a que se assemelha, eis o que pode fazer uma narrativa humana e menor; por esta via então falemos. Que ela então se assemelhe ao congênito poder de um alado jugo e seu cocheiro. Quando é dos deuses cavalos e cocheiros são todos bons eles mesmos, e formados de bons elementos; mas o dos demais seres está misturado. [b] E primeiro, o que nos conduz tem as rédeas de uma parelha; depois, dos seus cavalos, um é belo e bom, e formado de tais elementos, enquanto o outro é de elementos contrários e ele mesmo contrário; assim, difícil e aborrecida é em nosso caso a direção das rédeas. Mas por onde então se denominou mortal e imortal o ser vivo, eis o que se deve tentar explicar. Toda alma cuida de tudo que é inanimado e por todo céu circula, em diferentes ocasiões diferentes formas assumindo. Assim é que quando perfeita e alada, nas alturas ela caminha [c] e todo o universo administra; mas a que suas asas perdeu é levada até que de algum sólido se apodere, e uma vez que aí se instalou e assumiu um corpo de terra, que a si mesmo parece mover-se pelo poder dela, chamou-se vivo o conjunto, alma e corpo pregados, e mortal foi o epíteto que recebeu; o de imortal não foi por nenhuma razão deduzida [*lógou lelogisménou*], mas é que imaginamos, por não termos visto nem suficientemente concebido deus, [d] um vivo imortal, que tem alma, que tem corpo, mas por todo o tempo os dois naturalmente unidos. Quanto a isto no entanto, como ao deus aprouver, que assim seja e assim se diga; mas a causa da queda das asas, em razão da qual se desprendem da alma, vejamos. É mais ou menos a seguinte:

O natural poder da asa é o de levar o pesado para cima, alçando-o até onde mora a raça dos deuses, e foi ela quem teve, das partes do corpo, mais participação do divino; o divino é belo, sábio, bom e tudo mais que é de tal ordem; [e] e é disto sobretudo que se nutre e se desenvolve o alado sistema da alma, ao passo que com o feio, com o mau, em suma com o contrário, ele definha e perece. Ora, o grande guia no céu, Zeus impelindo o alado carro, é o primeiro a caminhar, bem ordenando tudo e de tudo cuidando; segue-lhe um exército de deuses e *daímones*, em onze partes disposto. [247] Pois fica Héstitia em casa dos deuses sozinha; e os outros, todos os que, no número dos doze, foram postados como deuses dirigentes, guiam na ordem em que cada um foi posto. Assim,

numerosas e beatíficas são as visões e os trajetos dentro do céu, os quais a feliz raça dos deuses executa em círculos, fazendo cada um sua tarefa e seguindo o que sempre quiser e puder; pois a inveja está fora do coro divino. Ora, quando ao banquete e ao festim eles vão, até o cimo da abóbada infraceleste eles caminham em ascensão, [b] em aclave que os veículos dos deuses, equilibrados e de boas rédeas, facilmente vencem, enquanto os outros o fazem com dificuldade; pois fica pesado o cavalo que tem um tanto de ruindade, pendendo para a terra e pesando ao cocheiro que não for bem adestrado. É então que uma prova, uma luta suprema se propõe à alma. Às que se chamam imortais, quando chegam ao cimo, caminham para fora e se erguem sobre o dorso do céu, e assim erguidas a circunvolução as carrega, [c] e elas contemplam o que está fora do céu.

Esse lugar supraceleste nem ainda o celebrou em hinos nenhum poeta deste mundo, nem jamais o fará de modo digno. E eis como ele é – pois em suma deve-se ter a audácia de dizer o que é verdadeiro, sobretudo quando é sobre verdade que se está falando –: pois a essência que, sem cor, sem figura, intangível, no entanto é realmente [ousía óntos oúsa]; que só pelo piloto da alma, o intelecto, pode ser contemplada; que é patrimônio da verídica ciência, este lugar é o que ela ocupa. [d] Ora, o pensamento de um deus, de inteligência e de ciência pura nutrido, bem como o de toda alma que se preocupa em receber o que lhe convém, quando com o tempo tem a visão [idouúsa] do ser alegre-se e, contemplando as verdadeiras essências, delas se nutre e se beneficia, até que em ciclo a circunvolução o reponha no mesmo ponto. E na volta que perfaz ele tem sob os olhos [kathora] a própria justiça, a prudência, a ciência, não aquela a que se associa geração, nem a que de certo modo é diversa, residindo na diversidade dos que agora chamamos seres, [e] mas a ciência que reside no ser que realmente é; e depois que, do mesmo modo, os outros seres que realmente são ele contemplou e deles se regalou, de novo mergulha dentro do céu e retorna à casa. Aí chegado, o cocheiro instala os cavalos no estábulo, atira-lhes ambrosia e depois lhes dá de beber o néctar.

[248] Esta é vida dos deuses; as outras almas, uma, a que melhor segue o deus e mais se lhe assemelha, alça para o lado de fora a cabeça do cocheiro e é carregada na circunvolução, perturbada pelos cavalos e mal contemplando os seres; outra, ora alça ora mergulha, mas, porque força os cavalos, umas coisas vê, outras não. Quanto às demais, almejando todas o alto fazem séquito, mas não podendo atingi-lo submergem na circunvolução, pisando-se e chocando-se entre si, uma tentando ficar à frente da outra. [b] Há tumulto então, e luta, e suor extremo, e é quando, por ruindade dos cocheiros, muitas almas se estropiam,

muitas machucam muita asa e todas, apesar de muita fadiga, sem se iniciarem na contemplação do ser afastam-se, e afastadas se nutrem do alimento da opinião. Eis por que o grande esforço para ver a planície da verdade, onde é que ela está; porque o pasto que convém ao que há de melhor na alma é o daquele prado, e a natureza da asa, que dá leveza à alma, dele se alimenta. [c] E lei da Inevitável é a seguinte: toda alma que, acompanhante de um deus, contemple algum ser verdadeiro, até o período seguinte está isenta de dano; quando porém, incapacitada de acompanhar, ela não puder ver, e por alguma desgraça afetada, cheia de olvido e maldade ela pesar, e pesada ela perder as asas e cair sobre a terra, então é lei [d] que ela não se implante em nenhuma natureza animal na primeira geração, mas a que mais viu se implante na semente de um homem que se tornará amigo do saber, ou amigo da beleza, ou algum músico ou algum amoroso; e que a segunda seja na de um rei que ande na lei ou seja guerreiro e saiba comandar, e a terceira na de um político ou de algum administrador e financista; e a quarta na de um ginasta que ame o exercício ou de alguém que se dedique à cura do corpo; a quinta terá uma vida de adivinho ou de algum oficiante de iniciação; [e] à sexta corresponderá o que faz poesia ou qualquer outro dos que tratam de imitação; à sétima um artesão ou lavrador; à oitava um sofista ou um demagogo; à nona um tirano. Em todas estas séries, o que leva uma vida justa participa de melhor sorte, e de pior o que injustamente vive; com efeito, ao mesmo ponto donde vem, cada alma não chega antes de dez mil anos – pois não cria asa antes de todo esse tempo –, [249] salvo as do que sem fraude amou a sabedoria ou com amor à sabedoria gostou dos jovens; estas no terceiro período milenar, se por três vezes seguidas escolheram esta vida, tendo assim criado asas, no terceiro milênio afastam-se. As outras, quando terminam a primeira vida, encontram julgamento e, julgadas, as que foram aos tribunais subterrâneos recebem justiça, enquanto as que pela justiça foram elevadas a algum lugar do céu, levam vida digna da que em forma humana viveram. [b] No milésimo ano, quando umas e outras chegam a sorteio e escolha da segunda vida, escolhe cada uma a que quiser; aí, não só uma vida de animal passa uma alma humana, como também de animal o que outrora era homem passa de novo a homem; pois não passará a este esquema a que jamais viu a verdade. Pois de um homem o entender é segundo o que se chama idéia, de muitas sensações indo à unidade, por raciocínio concebida [*logismó synairoúmenon*], [c] e isto é reminiscência [*anámnēsis*] daqueles seres que outrora viu nossa alma, quando caminhou com um deus e de cima olhou o que agora nós afirmamos que é, e para cima virou-se ao que essencialmente é. Eis por que justamente só cria asa a reflexão do filósofo; pois àqueles seres sempre remonta de memória, conforme pode, justamente àqueles a que

remonta um deus para ser divino. Ora, quando de tais lembranças corretamente se utiliza um homem, e em perfeitos mistérios perfeitamente se inicia, é o único a se tornar essencialmente perfeito; como todavia ele se afasta dos humanos interesses [d] e ao divino se volta, é advertido pela maioria como se em falso se movesse, quando de fato, divinamente possesso, não o percebe a maioria.

É aqui então que vem dar todo o discurso sobre o quarto tipo de delírio – aquele em que alguém, vendo a beleza por aqui e lembrando-se da verdadeira, cria asa e, de novo alado, deseja alçar vôo; mas como não pode e, à maneira de um pássaro, fica a olhar para cima, descuidando do está embaixo, é acusado de estar em delírio –, [e] sim, pois esta, de todas as formas de possessão divina, vem a ser a melhor e de melhores elementos constituída, não só para o que a tem, como para o que a ela se associa, e porque deste delírio participa o que ama os belos, amante se chama. Com efeito, tal como foi dito, toda alma de homem por natureza contemplou os seres, senão ela não teria vindo a este animal; [250] mas lembrar aqueles a partir destes não é fácil para qualquer alma, nem para quantas brevemente viram então os de lá, nem para as que tiveram a desventura de aqui tombarem, e por efeito de algumas companhias se voltaram para o injusto e esqueceram as sagradas visões que então viram. Poucas assim restam que tenham consigo, suficientemente, o dom da memória; estas, quando vêem algum símile dos seres de lá, perturbam-se e não mais ficam em si mesmas, mas o que experimentam ignoram, por não o perceberem suficientemente. [b] Pois bem, de justiça, de prudência, de tudo mais que é precioso às almas, não há nenhum brilho nos símiles daqui, mas por turvos instrumentos, de si já difíceis, poucos vão às imagens e por elas contemplam o gênero do imaginado; beleza porém então se podia ver brilhante, quando o infeliz coro um espetáculo de beatífica visão se via, nós seguindo com Zeus e outros com outros deuses, e se procedia a uma iniciação que é lícito afirmar ser a mais beatífica de todas, [c] a qual celebrávamos quando íntegros éramos nós mesmos, isentos de quantos males em tempo posterior nos aguardavam e íntegras, simples, tranqüilas e felizes eram as aparições que iniciados contemplávamos em luz pura, porque éramos puros e não tínhamos a marca deste sepulcro que sobre nós trazendo agora chamamos corpo, a ele atados como ostra à concha.

Mas com isto despeçamo-nos da memória [*mnéme*], pela qual, por saudade dos seres de então, agora demais se falou; e sobre a beleza, como dissemos, entre aqueles ela brilhava em seu ser, [d] e aqui vindos nós a percebemos através do mais claro dos nossos sentidos a fulgir com a máxima claridade. A vista, com efeito, é a mais aguda das percepções que nos vêm pelo corpo, e no entanto por

ela a inteligência não se vê – pois terríveis amores esta suscitaria, se igualmente desse de si mesma uma clara imagem dirigida à vista – e tudo mais que é amável; agora porém só Beleza teve esta sorte de ser o que há de mais evidente e mais amável. [e] Por conseguinte, o não recentemente iniciado ou o corrompido não é com presteza que daqui se transporta para lá, para a própria beleza, quando contempla o que aqui está sob seu nome, e assim ele não respeita quando para lá olha, mas ao contrário, rendido ao prazer, põe-se a andar na lei de quadrúpede e a procriar, e familiarizando-se com a desmedida não tem receio nem vergonha de perseguir prazer contra a natureza; [251] mas o recém-iniciado, o que muito contemplou os seres de então, quando vê algum rosto de aspecto divino que bem imitou a beleza, ou algum corpo ideal, primeiro ele estremece, e furtivamente o assalta algo dos assombros de então; depois, dirigindo-lhe o olhar, venera-o como a um deus e, se não temesse a fama de uma extremada loucura, ele sacrificaria ao namorado como se faz a uma imagem e a um deus. E desde que o viu, como se fosse do estremezimento, uma mudança nele se opera, um suor, um calor desusado; [b] pois tendo pelos olhos recebido a emanação da beleza ele se aquece, fundem-se os elementos de expansão daquela natureza, os quais de há muito fechados por endurecimento impedem a germinação, mas com o afluxo de alimento intumescem e passa a crescer desde a raiz o talo da asa, sob toda forma da alma; pois toda ela outrora era alada. [c] Fervilha então neste momento toda ela e ressuma, e aquilo que no processo da dentição se sente com os dentes que estão a nascer, comichão e irritação nas gengivas, é o mesmo que sente a alma do que começa a emplumar a asa: fervilha e se irrita em pruridos ao lhe nascerem as plumas. Quando portanto, olhando para a beleza do menino, de lá recebendo partículas que em fluxo sobrevêm – o que precisamente se chama o fluxo do desejo – ela se umedece e se aquece, então, se alivia da dor e tem alegria; [d] quando porém ela fica longe e emurchece, os bocais dos condutos por onde se lança o plumado se ressecam todos e, fechados, interceptam o germe da pluma e este, interceptado lá dentro com o fluxo do desejo, a saltar como as batidas do pulso, vem arranhar no conduto, cada um no seu, de modo que a alma, toda picada em volta, se desvaira de dor mas, por outro lado, à lembrança que tem do belo enche-se de alegria. Misturados os dois sentimentos, ela se inquieta com a estranheza do seu estado e, sem saída, se enfurece; delirante, nem de noite pode dormir [e] nem durante o dia ficar onde está, e corre ansiada para onde pensa que verá o que tem a beleza; mas desde que viu e sobre ela derivou o fluxo do desejo, solta o que estava obstruído e, tomando fôlego, acaba com picadas e dores, e então é este prazer deliciosíssimo que no momento ela colhe. [252] Daf

sem dúvida, por vontade sua, ela não se remove, nem de ninguém faz mais caso senão do belo, ao passo que de mãe, de irmãos, de amigos ela esquece, e fortuna perdida por incúria ela tem por nada, e normas e conveniências de que antes se adornava, tudo ela despreza, pronta a se escravizar, a se deitar onde lhe permitirem que esteja mais perto do seu desejo; pois além de venerar o ser que tem a beleza, nele somente ela encontrou o médico das maiores penas. [b] Esse estado, belo jovem a quem se dirige o meu discurso, os homens o chamam de amor, e os deuses, se ouvires como o chamam, naturalmente rirás em tua mocidade. Citam, penso eu, alguns homéridas de seu repertório épico, dois versos ao Amor, o segundo dos quais é bem desabrido e não lá tão bem harmônico; assim os entoam:

É o que os mortais denominam o Amor volátil,  
e os imortais o Alado, pela força de criar asa.

[c] Nestes versos sem dúvida pode-se crer, pode-se não crer; todavia, quanto à causa e ao estado dos amantes, eis o que precisamente se dá.

Por conseguinte, se foi dos acompanhantes de Zeus o que se deixou prender, com mais firmeza pode carregar o fardo do deus que tem o nome de sua asa; quantos porém foram servos de Ares e com ele faziam o circuito, quando por amor se prendem e pensam sofrer alguma injustiça do amado, são inclinados ao crime e prontos ao sacrifício não só de si mesmos como dos seus namorados. [d] E assim, conforme cada deus de cujo coro foi membro, honrando-o e imitando-o quanto possível cada um vive, enquanto não estiver corrompido e aqui viver a primeira geração, e é neste sentido que com os amados se relaciona e se comporta. Assim, o amor dos belos jovens cada um o escolhe de seu jeito, e como se fosse propriamente um deus o jovem, cada um fabrica e adorna para si uma imagem sua, como para honrá-la e render-lhe secreto culto. [e] Aqueles então que foram de Zeus procuram que algum deus seja de alma o que por eles for amado; examinam se ele é de natureza amigo do saber e apto à liderança, e quando o encontram e o amam, tudo fazem para que assim ele seja. Se portanto anteriormente não se empenharam na tarefa, agora que lhe puseram as mãos aprendem donde puderem e por si mesmos prosseguem, [253] e uma vez na pista por si mesmos logram descobrir a natureza do deus que lhes é próprio, à força de intensamente olharem na direção do deus, e quando o atingem pela memória e por ele se deixam possuir, dele tomam os hábitos e as ocupações, tanto quanto é possível a um homem ter de um deus; e a causa disso atribuindo ao amado, ainda

mais o estimam e mesmo que tirem da fonte de Zeus como as bacantes, sobre a alma do amado eles entornam e o fazem o mais possível semelhante ao deus que lhes é próprio. [b] Quantos por outro lado com Hera seguiram, um tipo régio procuram, e depois que o encontram, com ele em tudo agem do mesmo modo. E os que foram de Apolo, bem como os de cada um dos deuses, andando conforme o deus, procuram que assim seja o natural do seu menino, e quando o conquistam, imitando eles mesmos o deus e persuadindo e disciplinando o namorado levam-no à ocupação e idéia daquele deus, conforme o poder de cada um, sem lhe ter inveja nem ignóbil malquerença, [c] mas ao contrário, tentando levá-lo o mais possível a uma semelhança consigo mesmo e com o deus que honram, total e absoluta, assim é que agem. Por conseguinte, a aspiração dos verdadeiros amantes, a sua iniciação se conseguem aquilo a que aspiram pelo modo como estou dizendo, eis com que beleza e felicidade se produzem para o amado que tenha conquistado o amigo em delírio de amor; ora, deixa-se prender o que é conquistado, do seguinte modo:

Como no início deste mito em três partes dividimos cada alma, duas delas em forma de cavalo e a terceira em forma de cocheiro, também agora fiquemos ainda com isto. [d] Ora, dos cavalos um é bom, dizemos, e o outro não; mas que virtude é a do bom ou que maldade a do mau não explicamos, e agora deve-se fazê-lo. Aquele que dos dois está em mais bela posição e é de forma ereta e articulada, tem colo alto, focinho acurvado, cor branca, olhos negros, de honra com moderação e reserva é amante, de opinião verídica é companheiro, e sem pancada, com apenas encorajamento e palavra se deixa guiar; [e] o outro é ao contrário torto, massudo, desconforme, tem colo grosso, cerviz curta, rosto chato, cor negra, olhos esbranquiçados, é sanguíneo, de insolência e jactância companheiro, peludo de orelhas, surdo, ao açoite e aguilhão dificilmente cedendo. Quando portanto o cocheiro, à vista do amoroso vulto, toda alma aquecida com a sensação, [254] enche com as picadas do prurido e do desejo, o cavalo que lhe é dócil, como sempre também agora forçado pelo pudor, contém-se para não saltar sobre o amado; o outro porém não mais atende nem às esporas nem à chibata de cocheiro, mas arrancando violentamente ele se lança, e causando todo aborrecimento ao companheiro de jugo e ao cocheiro ele os força a ir ao namorado e lhe fazer menção das afrodisíacas delícias. Os dois no começo resistem indignados, como se forçados a atos terríveis e ilegítimos; [b] acabam todavia, quando não tem mais limite o mal, por se deixar levar adiante, cedendo e consentindo em fazer o que lhes é exigido. E assim ei-los bem perto, a verem o vulto do namorado, coruscante. Tão logo o viu o cocheiro, sua memória trans-

porta-se à essência da beleza, e de novo a contempla, acompanhada de sabedoria e erguida em sagrado trono; [c] tão logo a viu de temor e veneração ele cai para trás, e ao mesmo tempo é forçado a puxar as rédeas com tanta energia que senta sobre a garupa os dois cavalos, um a gosto, por não resistir, e o outro, o violento, muito a contragosto. Afastados os dois para mais longe, enquanto um, de vergonha e espanto, banha de suor toda alma, o outro, cessada a dor que teve com o freio e a queda, mal retoma fôlego e insulta colérico, maltratando muito o cocheiro e o companheiro de jugo, como se por covardia e pusilanimidade abandonado o posto e o acordo; [d] e de novo forçando a relutância deles em avançar, mal cede ao seu pedido de adiar a investida. Chegado o tempo atrasado, se os dois fingem esquecer ele os relembra, força, relincha e puxando os obriga de novo a se dirigirem ao namorado para as mesmas conversas, e quando estão perto, arqueando-se e esticando o rabo, mordendo o freio, com despudor ele puxa; e o cocheiro, ainda mais sentindo o mesmo sentimento, [e] como por uma barreira repellido, ainda com mais força repuxando dos dentes do insolente cavalo e freio, ensanguenta-lhe a língua injuriosa e as mandíbulas e, pondo-lhe por terra as pernas e a garupa, “entrega-o à dor”. E quando, sofrendo muitas vezes o mesmo tratamento, o mau cavalo desiste da insolência, humilhado segue doravante à previdência do cocheiro, e quando vê o belo jovem, de medo ele se perde; e assim acontece que já então a alma do amante segue o namorado com recato e temor. [255] Por conseguinte, com todo cuidado servido como o igual de um deus pelo amante que não está fingindo, mas verdadeiramente sentindo este afeto, e ele próprio sendo por natureza amigo do que o está servindo, se porventura já antes tiver sido incriminado por camaradas ou outras pessoas, que lhe diziam ser feio aproximar-se de um amante, e se por isso repelir o amante, com o andar do tempo todavia a idade e a necessidade o levarão a admiti-lo em companhia; [b] pois jamais – está fixado pelo destino – um mau é amigo de um mau, nem um bom deixa de ser amigo de um bom. Depois que o admitiu e acolheu sua palavra e companhia, de perto manifestando-se a benevolência do amante põe fora de si o amado, apercebido de que, nem mesmo todos juntos, os outros amigos e familiares proporcionam uma parte de amizade que é nula em face da que lhe tem o amigo possuído por um deus. E quando ele passa um tempo assim e do amigo se aproxima, em contatos nos ginásios e reuniões, então é que o manancial daquele fluxo que Zeus, [c] quando estava amando Ganimedes, denominou “vaga de desejo”, abundantemente trazido ao amante, em parte mergulha nele, em parte transbordando corre para fora; e como um sopro ou um eco, de lisos e duros planos rebatido, de volta ao ponto donde partiu se transporta, assim o fluxo da

beleza, de volta indo ao belo jovem através dos olhos, por onde naturalmente vai à alma tendo chegado e excitado as asas, os condutos desta irriga e impele a emplumar-se, [d] com o que a alma do amado por sua vez enche-se de amor. Está amando então, mas a quem, eis a dificuldade; nem mesmo o que se passa consigo ele sabe, e não pode explicar, mas é como se de outro tivesse pegado uma oftalmia: nada pode alegar que explique, e como em um espelho vendo-se no amante, ele não percebe. E então quando o amante está presente, cessa do mesmo modo que àquele a sua dor, e quando ele está ausente, do mesmo modo também ele tem e inspira saudade, com um contra-amor que é a imagem de amor; [e] e isto ele chama, e assim pensa que é, não amor mas amizade. E o que deseja, aproximadamente ao outro mas menos intensamente, é ver, tocar, beijar, deitar-se junto; e então, como é provável, é o que depois disso acaba logo fazendo. Ao se deitarem juntos, o intemperante cavalo do amante tem o que dizer ao cocheiro e pretende, em troca dos muitos sofrimentos, gozar pequenos deleites; [256] mas o do namorado nada tem a dizer, intumescido e embaraçado abraça o amante e o beija, como acolhendo a quem muito lhe quer, e sempre que se deitam juntos ele é capaz de não lhe negar sua parte de favor ao amante, se este pedisse para obter; entretanto o companheiro de jugo, juntamente com o cocheiro, a isso resiste com respeito e ponderação. Se então, suponhamos, a um regime ordenado e ao amor da sabedoria conduzindo triunfa o melhor da reflexão, feliz e harmoniosa a vida aqui eles passa, [b] porque se dominam e são moderados, porque escravizaram o que em sua alma fazia nascer vício e libertaram o que nela origina a virtude; chegados então ao termo da vida, alígeros e leves, das três lutas que verdadeiramente são olímpicas uma eles venceram, e um bem maior que esse nem sabedoria humana nem divino delírio pode conceder a um homem. Se porém um regime mais grosseiro praticarem, sem amor à sabedoria e de amor às honras, [c] talvez ocorra que, na embriaguez ou em algum outro descuido, os dois intemperantes parceiros de jugo, pegando as almas desguarnecidas, unindo-as ao mesmo fim, tomem a decisão felicitada pela maioria e a executem; e tendo executado, a seguir dela se utilizam, mas com raridade, por fazerem o que não foi decidido por toda a reflexão. Amigos sem dúvida são também estes dois, mas menos que aqueles, e um para o outro vivem, em seu tempo de amor e dele saídos, [d] estimando que mutuamente deram e receberam as maiores confianças, que não lhes é lícito desfazer para um dia se odiarem. Porém ao término da vida, sem asas mas não sem esforço empreendido para tê-las saem eles do corpo, e assim não é pequeno o prêmio que levam do amoroso delírio: pois às trevas e à viagem subterrânea não é lei irem ainda os que já começaram a viagem infraceleste,

mas ao contrário, passando uma vida luminosa, [e] serem felizes viajando um com o outro, e juntos criarem asas por graça do amor, quando criarem.

Esta a grandeza, menino, e a divindade dos dons que assim te fará a amizade do amante; enquanto o convívio do que não ama, de mortal sabedoria temperado, mortais poupanças economizando, uma mesquinha por muitos louvada como virtude na alma amiga gerando, [257] por nove mil anos em volta da terra e sob a terra lhe fará rolar irrefletida.

Eis para ti, caro Amor, na medida de nossa força a mais bela e melhor palinódia, oferta e expiação, “em geral e sobretudo no vocabulário” forçada por Fedro a se formular poeticamente; ao primeiro discurso concedendo indulgência e favor ao segundo, benévolo e propício, a arte amorosa que me deste não a retires nem a mutes com tua cólera, e dá que ainda mais que agora entre os belos eu seja acreditado. [b] E se antes em conversa dissemos algo chocante para ti, Fedro e eu, incrimina a Lísias, pai do discurso; faze-lhe cessar tais discursos e para o amor da sabedoria orienta-o, como já está orientado seu irmão Polemarco, a fim de que este seu amante não seja ambíguo como agora, mas simplesmente ao amor devote a vida com discursos de amor à sabedoria.

JOSÉ CAVALCANTE DE SOUZA\*  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo

---

\* Professor Doutor Aposentado de Língua e Literatura Grega do Curso de Graduação em Grego e do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.